

O Christianismo

JORNAL RELIGIOSO

FÉ

ESPERANÇA

CARIDADE

<p><i>Assignatura</i> Ovar (anno)..... 600 reis Pelo correio..... 700 » <i>Redacção e Administração, R. da Graça—Ovar</i></p>	<p>Director—<i>Manoel Lopes Guilherme</i> Proprietario e Adm.^{or}—<i>Placido Augusto Veiga</i> Composição e impressão, <i>Typ. «Ovarense»</i> —* <i>Rua da Graça—OVAR</i> *—</p>	<p><i>Anuncios</i> Por cada linha..... 50 reis Repelição..... 25 » <i>Acceita-se collaboração desde que seja religiosa.</i></p>
---	---	---

Tiragem 1:000 exemplares

A Quaresma

(Conclusão)

O tribunal divino está permanente e accessivel a todos aquelles que careçam do perdão de Deus. Este juiz é tão benigno que só nos exige que o amemos sobre todas as coisas, e que também amemos o nosso proximo.

A Igreja, durante a quaresma, usa de côres escuras e os seus altares estão despidos de flores. Os crucifixos e as imagens dos santos cobrem-se com véus, e, quando termina a predica da tarde, sahe o Santo Ciborio do tabernaculo para abençoar os fieis ajoelhados. Os canticos de alegria são substituídos pelos psalmos penitenciaes e a maior parte dos christãos jejuam: muitos maceram-se e até alguns se absteem dos prazeres mais licitos, por quere-rem acompanhar a Jesus na sua paixão, do modo que é dado fazel-o a homens frageis como o barro de que são formados.

A quaresma é a commemoração do jejum de Nosso Senhor Jesus Christo, quando permaneceu quarenta dias no deserto. O justo não tinha peccado e não carecia de fazer penitencia; como porém tinha vindo para ensinar os homens e mortificar-se, queria que cada uma de suas acções fosse um modelo para ser imitado, e um exemplo para ser seguido. A solidão, o retiro, o silencio, a temperança e a sobriedade eram coisas dignas de se ensina-

rem aos homens. No bulicio e nas agitações da sociedade ha pouco tempo para pensamentos graves e piedosos. Ninguém dirá que a solidão e o silencio se assemelham á morte; porque é então que mais vive o espirito. Quando no silencio da noite contemplamos um formoso ceu scintillante d'estrellas, quando gozamos do socego que a noite e o somno espargiram pela cidade, a nossa alma sentimol-a já solta de muitos laços que a prendem aos interesses do mundo! No deserto é mais do que isso ainda, porque os murmúrios que se ouvem são formados pelo vento que geme na folhagem dos bosques, pela torrente que se despenha ao longe. Estes sons mysteriosos elevam-nos mais ao creador do que os agudos sons do apito que transformam o passo cadente das patrullhas em agitadas corridas, para evitar algum attentado contra aquelles que muitas vezes dormem o somno precursor da eternidade. A solidão tem imagens para tudo. O brando gemer do vento por entre os ramos das arvores parece-nos o som da voz dos amigos, que nos precederam nos gozos da ventura celestial, que nos lastimam por ainda nos demormos tanto n'este valle de lagrimas.

O ruido da torrente faz lembrar a vida que se escoa como as aguas, e que mais não torna a traz! Todos deverão reconhecer quanto é boa e salutar a tregua que nos propõem a quaresma ácerca dos negocios da vida. Com effeito ninguém dirá que no meio dos banquetes, e no delirio dos bailes, possam nascer as grandes

idéas quer divinas quer humanas.

Além de que, se o tumulto ruidoso do mundo, que não deixa de ter seus incantos, nos atordoa e faz esquecer momentaneamente das nossas penas, é sómente o retiro que nos dá doce paz, e que nos inspira um santo entusiasmo. O primeiro embriaga, o segundo eleva-nos muito acima da nossa esfera.

E de mais d'isso a quaresma é também uma preparação para se chegar á semana das dôres do filho de Deus; e para bem celebrar a paschoa cumpre estar puro e como o viajante estar bem preparado para partir. Em todo este tempo aprendemos que a morte folga de surprehender os homens no meio dos festins, e que como o ladrão se introduz surrateiramente para ferir as cabeças coroadas de brilhantes.

A religião chama-nos sem cessar para que nos aproveitemos em quanto é tempo. Este mundo não é mais para nós do que uma passagem transitoria, que o viajante christão deve considerar como o alvergue, onde se pernoita sómente, ou como a tenda que de noite se arma e que no dia seguinte se levanta e enrola. Não devemos parar antes de chegarmos á casa de nosso pae. E nosso pae está no ceu! Esta é e deve ser a nossa linguagem diaria e durante a quaresma ouvirmol-a e meditarmol-a a todos os momentos.

Se o racionalismo philosophico chegasse a dar á sociedade os costumes que devaneia em seus sonhos de perfectibilidade progressiva, os dias, os mezes e os annos seriam semelhantes e monotonos, despir-se-iam da variedade que a religião lhes dá. Não haveria festas alegres, nem solemnidades luctuosas. Seriam bem á maneira d'uma planicie immensa, árida e calva, sem effeitos do sol e da sombra. A religião conhece melhor o que convém aos homens, dotados de natureza leviana e inconstante, por isso espalhou a variedade pelo anno. Em todos os mezes festas alegres e apenas quarenta dias para chorar e para a penitencia.

Provida religião! como pode haver quem te desconheça e te queira banir d'en-

tre nós, que tanto carecemos dos teus confortos na adversidade, e das tuas benções e cantares quando somos felizes!

Meu Deus perdoae a esses insensatos que não sabem o que fazem! Permitti que sejam attrahidos aos vossos templos pelos perfumes do incenso e das flores, pelos sons magos das harmonias da musica, e pela voz illustrada e poderosa de vossos ministros, pelas pompas magestosas do culto catholico e pela voz da consciencia; e que não saiam d'elles sem ter abjurado a sua descuidosa indifferença, o seu orgulho revoltado; porque não podemos acreditar que possa haver atheus!

M. M.

Erguei os olhos ao Céu, ditosos crentes, que lá está a rutila estrella da salvação; os seus raios benéficos dardejarão sobre o vosso coração para o illuminar, libertar e fazer entrar no caminho do bem que, com segurança, vos conduzirá à vida eterna!

Vaidade do mundo

EXCELLENCIA DA VIRTUDE

«*Vanitas vanitatum et omnia vanitas.*»—Vaidade das vaidades e tudo vaidade— disse o Sabio—e verdade é esta, que todos vemos e que ninguem ainda contestou; pois é incontestavel a evidencia. Tudo no mundo roda n'um turbilhão perpetuo de aspirações, de projectos e de prazeres; mas que mentirosas esperanças! Tudo vaidade e só vaidade! Os astros que passam sobre a scena do mundo brilham um instante. O meteoro de hoje, terá amanhã desaparecido no occaso dos desenganos!

Tudo o que finda com o tempo tem uma existencia efemera; é uma sombra que passa, é perfeita nullidade, a nada se reduz, pois nada é o que em nada se converte! Corremos para o tumulo, dizem os nossos livros sagrados, como as aguas correm para o mar, aonde se somem e d'onde não voltam mais: é debaixo de nossos pés que se fende essa cova, que nos ha de devorar; é ao nosso lado que se levanta o esquife, como derradeira homenagem do leito da morte á sepultura! Calcamos hoje aos pés a terra, que amanhã nos ha de cobrir! Que terra é esta que habitamos?—um vasto cemiterio, a que desceram as gerações passadas, e em que se emerge a geração presente!

A destruição do nosso ser, a morte, que anniquilla a nossa existencia, esta catastrophe horrivel porque havemos de passar, e que a cada momento póde realisar-se, reproduz-se incessantemente á nossa vista por mil modos differentes, por mil scenas variadas: tudo perece, tudo cahe á roda de nós: a cada instante o sopro da morte desfolha as flores d'alguma vida preciosa, ou de alguma pessoa que nos é cara: todos os dias nos leva nossos parentes, amigos, visinhos e conhecidos: todos os dias joga á sorte os valentes e os fracos, os moços e os velhos, os opulentos e os desgraçados: todos os dias murcha grandes esperanças, desfaz grandes projectos e arruina grandes fortunas: todos os dias passa terrivel e soberana sobre tudo o que respira e vegeta: a cada momento empallidece os semblantes mais risonhos, deslustra o encarnado das rosas; amarellece o alvor dos lyrios, e desce o seu véu sombrio sobre as bellezas da vida na sua primavera!

Não contente d'arrancar o tenro menino dos braços da mãe, que o afaga contra o seio; não contente de sepultar as maiores esperanças com o moço robusto e intrepido; não contente de roubar um pae de familia a filhos consternados, um esposo querido a uma viuva desolada; d'arrogar o semblante do velho muito tempo antes que a luz dos olhos lhe fuja, a morte suscita fomes, pestes guerras, incendios e vulcões,

assentada deshumanamente sobre estes flagellos formidaveis como sobre um throno de gloria e magestade! banhando-se com muita satisfação assim nas lagrimas, que correm de todas as partes como um sangue que faz derramar. Manda á terra que engula os vivos e esta se muda logo n'um vasto cemiterio: determina aos prazeres que executem as suas terriveis sentenças, e elles lisongeando os homens vem a ser finalmente os seus verdugos: rasga o veu que cobre os thronos e acaba-se para logo a illusão; e aquelle, cujo esplendor parecia tão duravel como o sol, transforma-se de repente em um espantoso rochedo, ou para o dizer melhor, n'um formidavel escolho, ou n'um horrivel espectro: nada escapa, emfim, á sua acção destruidora!

(Continua)

A. V. C. S. S.

Avé-Maria

Maria, doce Mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vóá, ó Maria,
Pela filha innocente.
Com sua debil voz que balbucia,
Piedosa Mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos ceus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meus Deus que é teu Filho, e tens nos braços,
Se tu, Mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E na tentação da terra;
Outra gloria, outro amor, outro contento
De minha alma desterra,
Mãe, oh! Mãe, salva o teu filho que te implora
Pela filha querida.
Demais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
D'esta vida tão mal gasta e presada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,
N'elle se regenera.

A. G.

NOTICIÁRIO RELIGIOSO

FESTIVIDADE DOS PASSOS

A grandiosa procissão dos Passos não se pôde realizar no domingo passado devido ao pessimo tempo que fez. A veneranda Imagem recolheu apenas á capella do Calvario debaixo de pequenos chuviscos. Os sermões do Pretorio e Calvario, foram reliquias oratorias que calaram immenso no espirito do nosso bom povo, religioso e crente.

AS CAPELLAS DOS PASSOS

(Conclusão)

«Presentemente estão deteriorados, e por isso vão ser reformados, começando pela pintura, que foi arrematada a 27 de setembro do corrente anno de 1868, por Gabriel Pereira da Bella, de Ilhavo, mediante a quantia de 590:000 reis, sendo seu fiador Francisco André d'Oliveira, proprietario do Largo dos Campos.

O Calvario sobreleva a todas estas Capellas e merece particular menção, sem mesmo considerar com vagareza as perfeições que encerra. O seu aspecto é nobre e simples, e não tem o ar pesado e sombrio da maior parte dos nossos templos antigos, mostrando esculpido na face os emblemas do martyrio. A porta principal é rasgada e muito airosa, tendo aos lados duas mais pequenas em perfeita correspondencia. Por cima d'ella fica uma janella de bastante capacidade e bonito molde, por onde se derrama a luz da parte do meio dia. Em remate está arvorada a Cruz sobre um globo, esse symbolo do soffrimento e de attracção para a humanidade.

Sobe-se para o Santuario por uma escadaria de pedra de cantaria levrada, de 24 metros e 3 decímetros de extensão assás larga, dividida em 6 lanços de 24 degraus, com 8 avenidas lateraes correspondentes a quatro lanços sómente, terminan-

do em um grande patim semi-circular onde está o vestibulo do Templo, e ao presente orlada de cyprestes por uma e outra parte.

O Sanctuario é alteroso, e não pequeno, pois mede 41 metros de comprimento sobre 6 metros e 5 decímetros de pé direito afóra o raio da abobada, na base da qual, e por cima da facha corrida, offerece duas janellas, por banda, de forma illiptica. A capella-mór tem 5 metros e 3 decímetros de fundo, por quatro metros e 5 decímetros de largo. E' ahi que está o Calvario, tendo na frente um altar, em cujo desvão se deposita o Christomorto, chamado em occasião propria o «Senhor da tumba».

No Calvario ostenta-se a rica Imagem de Jesus Crucificado entre dois salteadores, um á sua direita e outro á sua esquerda, sendo este o man, que d'Elle blasphemava, dizendo:—«*Se tu és o Christo salva-te ati mesmo e a nós outros*» Junto á Cruz estão as duas Marias e o discipulo amado, no meio de um grupo de quatorze figuras allegoricas, representando cada uma d'ellas o seu papel n'este Auto dos Evangelistas. Dois Anjos de grande estatura, postos á entrada, completam este quadro magestoso.

«Tem mais dois Altares collateraes com bons retabulos doirados: no da parte esquerda está a Imagem de S. Pedro sobre uma peanha, tendo de um lado Santo Agostinho e do outro Santa Barbara; no da direita fica a Imagem da Senhora da Soledade, em grande vulto, fechada dentro de um nicho de vidraça. No rosto d'esta Imagem perfeita se divisa a mais viva expressão de angustia, como de quem tem o coração em lagrimas desfeito. Parece dizer ainda aos que contemplam: «*Vêde se ha dôr igual á minha dôr!*...»

Tambem estão junto d'ella collocadas as Imagens da Senhora das Dôres e de Santa Thereza.

O Calvario tem duas sacristias, n'uma das quaes se guardavam os ricos paramentos e alfaias da Irmandade, e na outra se conserva ainda a Cruz no desc-

mento, que ha muitos annos se não faz, por ser prohibido em capitulo de visita. Este bello edificio está alçado na Capella de S. Pedro, que já em 1692 se achava arruinada: d'ahi vem o chamar-se pelo nome do seu Titular.

Podemos dizer affoitamente que os Passos d'Ovar não teem rival em terras portuguezas. No dia da sua solemnidade reune-se n'esta villa multidão de gentes; e antigamente se fazia uma grande feira, a qual concorriam muitos mercadores do Porto.

Caridade

(Continuação)

A caridade é, pois, a essencia do christianismo. S. Paulo julgava-se annullado em todas as suas boas obras, se a caridade as não perfumasse do puro amor de Deus e do proximo. «Predomine a caridade em todas as vossas acções» diz S. Pedro. (1) Eis aqui—diz S. Matheus—o primeiro e mais importante de todos os mandamentos: o segundo que manda amar o proximo como a si mesmo, é semelhante ao primeiro: n'elles está incluída a lei e os prophetas.» (2)

O amor de Deus é inseparavel do amor do proximo. E' impossivel no coração humano o incendio suavissimo do amor de Deus, quando o grito da miseria não despertava no coração a magoa das afflicções do proximo. «Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado», disse Jesus Christo. «Amai vossos inimigos, para que sejais os filhos do Pae celestial, que beneficiou a todos» (3)—exclama o divino martyr da nossa redempção, quando pela sua morte vae exemplificar este preceito escripto pelo sangue de Deus, para que

(1) S. Pedro—IV, 8

(2) Math. XXII, 38.

(3) João XV, 12.

os homens o observem, sacrificando-se á desventura de seus irmãos.

A pobreza, a desgraça e a doença—estes attributos de uma porsão da humanidade que mais reclama o valimento dos felizes da terra, constituem a riqueza dos indigentes que J. Christo mais recommenidou á ternura e compaixão dos poderosos. O Salvador não só legisla em favor dos pobres: identifica-os no respeito e no amor que a Elle proprio se deve; e julga-se amado ou despresado na pessoa do indigente. «O que dêrdes aos mais pequenos d'entre os homens é a mim que o dais, e o que a elle recusardes a mim o recusaes» (1) são palavras do Justo, que, sentado no throno das maravilhas do Universo, acarinha o ente degradado entre os homens que lhe voltam a face enjoada.

«Vêde como elles se amam» diziam os pagãos, quando a sociedade christã repartia seus haveres em communas, onde o grande, despojado de suas gallas, vinha sentar-se ao lado do pobre, vestido de uma mesma tunica e nutrido por um semelhante quinhão nos ágapes da caridade.

«Conhecemos muita gente—diz S. Clemente d'Alexandria—que se tem sacrificado ás algemas para resgatar os que estavam algemados; muitos que se tem escravizado para com o preço comprar a uns a liberdade e a outros o pão.» (2)

No 3.º seculo, quando em dez annos consecutivos, o flagello da peste destroçou o imperio romano, no meio dos mortos e moribundos, como anjos de consolação, eram os christãos a unica assembleia de homens que não fugiram apavorados pelo exterminio. A caridade, esse balsamo divino que Jesus Christo legára aos seus no thesouro do Evangelho, foi n'esses dias d'angustia repartido por todos. Os pagãos que ainda hontem perseguiram os filhos da ideia christã, bemdiziam hoje a mão que os salvava, e os labios que proferiam as palavras do Christo: «amai os vossos inimigos.»

(Continua)

C. C. B.

(1) Math. V, 45.

(2) Epist. I, n.º 7.

O SACRAMENTO DA PENITENCIA

Continuação

Mancebos que lerdes estes artigos, não sei que felicidades ou que fortunas vos esteja reservadas durante o curso da vossa vida. Não sei se vosso saber vos deve collocar acima dos vossos emulos; não sei se as artes ou as sciencias vos guardam as suas corôas: porém o que sei é que n'esses mesmos momentos em que, rodeados de homenagens e embriagados d'incenso, vos sentirdes mais completamente felizes, selo-eis todavia mil vezes menos que o homem que, levantando-se do confessionario, pôde dizer aos anjos se os encontrar: «Anjos, sou vosso irmão»!

Vinde, por tanto, procurar no meio das nossas egrejas um d'estes tribunaes que estão sempre abertos ao arrependimento e á desgraça, vós todos que, esmagados pelo peso das vossas culpas, amaldiçoais mil vezes por dia a noite em que vossas mães vos conceberam, porque só encontraes em torno de vós frieza e abandono; vinde e encontrareis no ministro de Jesus Christo o mais compassivo de todos os consoladores, o mais seguro de todos os amigos, o mais discreto de todos os confidentes. Se peccastes, sereis perdoados; se vos desviastes do caminho da justiça, sereis dirigidos; se estaes afflictos, recebereis consolações; se cahistes, sereis levantados; se perdestes o animo, dar-se-vos-ha coragem; se sois infelizes, sereis soccorridos; e ainda que tudo vos faça pender para a terra, recebereis azas com que a vossa alma se possa elevar a Deus.

Qualquer que seja a idade da vida, não ha nenhuma em que a confissão não facilite e não melhore cada uma das estações da nossa existência. Se o homem é ainda menino, nada mais proprio para conservar este perfume de innocencia que tão facilmente se perde, como este habito de dizer a verdade desde que a intelligencia começa a alvorecer. E' então que as primicias da vida se preservam mais facilmente, já pelo temor do mal que o sacerdote inspira, já pelos prudentes conselhos que dá, já pela fugida das más companhias que re-

commenda, já pela obediencia e respeito que lhes inspira para com os auctores dos seus dias.

(Continua)

Dr. J. da G. e C.

EXPEDIENTE

A todos os cavalheiros e senhoras, que teem por diadema-sacrosanto a aureolar-lhes a fronte: o padrão da «Virtude e da Religião!»—dogmas tão sublimes e redemptores, d'onde irradiam fôcos de luz com intenso brilho a innundar a alma pura e limpida dos bons christãos, guiando-os sempre na redempção da Fé, da Esperança e da Caridade, symbolo augusto de magestosa grandeza I...— e a quem hoje ouzamos remetter o nosso jornal, pedimos com toda a urbanidade a sua assignatura, que é bastante modica e equitativa a todas as bolsas, para assim nos ajudarem n'este emprehendimento tão arduo como espinhossissimo em que nos propomos seguir, como é—o trabalhar pelo sublime ideal do Bem no caminho da Fé e da Religião—; sim em prol d'essa radiosa doutrina do Divino Nazareno, que no mundo derramou torrentes e torrentes de luz sanctificadora e balsamos preciosissimos na redimição do genero humano.

A todos, pois, que nos ajudarem n'esta santa crusada christã, a empreza do «Christianismo» aqui já testemunha a sua penhorante e viva gratidão; e aos que de todo em todo nos não queiram ajudar a levar ate ao Calvario a pezada cruz dos nossos sacrificios, pedimos que nos devolvam o presente numero no praso de cinco dias, pois não o fazendo, a empreza os inscreverá com honra no numero dos seus bondosos subscriptores.

O nosso jornal irá sahindo de 4, 6, 8 e mais paginas e de vez em quando será illustrado, isto conforme o acolhimento e protecção que lhe dispensarem os seus bondosos assignantes e quando a abundancia de originaes assim o permitta.

A EMPREZA.